

Universidades Lusíada

Chaves, Mário João Alves, 1965-

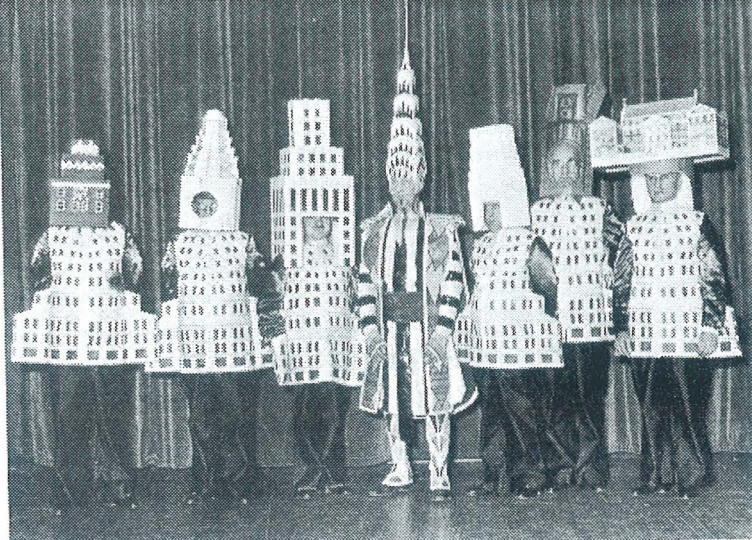
O mundo global

<http://hdl.handle.net/11067/7828>

Metadados

| | |
|---------------------------|-----------------------------|
| Data de Publicação | 2002 |
| Editor | Universidade Lusíada |
| Palavras Chave | Arquitectura e Globalização |
| Tipo | article |
| Revisão de Pares | Não |
| Coleções | [ULL-FAA] SdA, n. 04 (2002) |

Esta página foi gerada automaticamente em 2025-03-12T16:50:01Z com
informação proveniente do Repositório



O MUNDO GLOBAL MÁRIO CHAVES

'A natureza para ser comandada, tem de ser obedecida'

FRANCIS BACON

A contemporânea Idade da Incerteza, que do ponto de vista da história, assiste à destruturação da antiga Idade da Certeza, na constatação de que a forma das instituições constituiu a mais elementar e segura afirmação ao motivo do reconhecimento material colectivo do conjunto de códigos, valores e normas, que sustentaram a civilização por 60 séculos. A questão da consciência colectiva e individual firmou milenares necessidades concretas de materialidade das formas, em contornos fortes e precisos, cuja pretensão assumia o reconhecimento do referente e do referenciável, na segurança do sagrado e do secular. Num legítimo direito à vivência numa idade de dogmas e tratados, signos e significantes, as formas correspondiam à ideia ideal – *eu-topos*. A História soube constituir Lugares de felicidade em representações construtivas de um Mundo desejado, adjectivadas à utopia, mas quase sempre ausentes da desordem casuística e infelicidade que paira continuamente e domina o nosso estranho Mundo velho.

Foi pelo princípio da Indeterminação Quântica e da ausência determinista de Deus, que os alicerces da maneira tratadística de dar a forma às exigências funcionais se tornaram menos retóricos e mais dialécticos. Mas, sustentaram um compasso de espera desastroso, em que a *forma seguiu a função*, como se o arbítrio da funcionalidade triunfasse sobre a utilidade dos edifícios.

O fim da idade da Certeza aconteceu, previsivelmente, com o fim da era Industrial, nessa actividade mecânica, sistemática e repetitiva de transformação maciça e sustentada do Mundo, sobretudo nos últimos dois séculos.

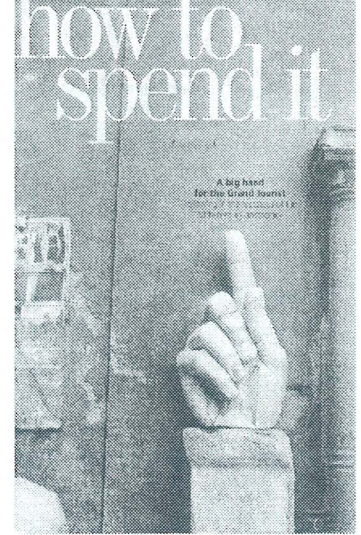
A seu modo, a forma seguiu o fiasco, numa tentativa desesperada de legitimar as funções fugazes de um tempo curto e sobre o qual residia já a renúncia ao vínculo da forma, como sustento da materialidade das instituições. As diversas linguagens de arte do século XX assumiram a imagem da forma como a sua verdadeira utilidade, isto é, u-topos; qualquer forma contém o valor da sua imagem em Lugar algum.

A Idade da Incerteza legitima o facto físico da Globalização – o Mundo Aristotélico é agora o globo - e a Arquitectura, como face visível do acto maior de habitar, corre o risco de ser assumida publicamente como fabricadora de imagens de expressividade e de gestualismos preponderantes, reduzindo-se à inocência do consumo da sociedade do Espectáculo.

O Mundo é de facto a casa global, onde a capacidade do omni é possível à escala da nossa juventude planetária. O cidadão do Mundo, inconsciente do poder de descoberta da comunicação e da informação, encara a Arquitectura como um processo capaz de realização instantânea, na sua Industrializada operatividade e rapidez de execução, em que o acto de projectar e construir se lhe tornou indiferente.

Razão pela qual se molda o Mundo cada vez mais à nossa pretensa vontade e se originam e reconhecem não Lugares, indiferentes e inconsequentes. Neste processo de subversão, as instituições são entidades ausentes de forma, mas assentes na imagem do símbolo e do referente, como sustentação da sua capacidade de materialidade e sobrevivência, no competitivo domínio da afirmação, reconhecimento e memória.

Os sistemas de informação e conhecimento virtual, dos quais a Internet é a face mais visível, vieram assumir que a experiência física não é mais a prioritária no domínio das matérias, das sensações e das revelações. A imagem e a sua codificação tornaram-se na expressão por excelência da Idade da Incerteza, e a forma arquitetónica esvai-se na bidimensionalidade da imagem ou na pretensa tridimensionalidade da simulação ou da representação – pode ter o tempo mas é ausente do espaço. Casos há em que a imagem suplantou a importância da materialidade e, no esplendor da topologia, a incompreensão da forma esvaiu-se para o reconhecimento



imediate e automático da imagem.

Sem ideologias politicamente sustentáveis, o Mundo está desarmado perante o poder de 200 empresas de dimensão global, que parecem prescindir da forma da Arquitectura e do Lugar para a sua afirmação.

As ideologias políticas e os idealismos do século XX, foram substituídos pelo pensamento único que se impõe, banal, formatado e empobrecido.

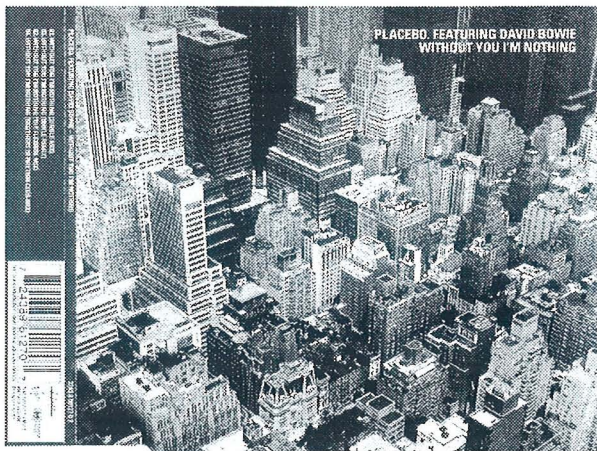
A Arquitectura, que também é globalizante, é-o numa comunicação mediática de imagem, de tempo real e proporcionada pela tecnologia. O Mundo fascina-se na tecnologia e pretere a ciência; o mistério da intangibilidade científica anula-se perante o fascínio da tecnologia imediata que roça o inimaginável de dependência, num sentimento quase eufórico de realização pessoal perante a materialidade electrónica. E a imagem da Arquitectura manifesta-se vorazmente consumida, a ponto de ser indiferente. O esplendor científico não durou mais que dois séculos.

A potencialidade de consciencialização de uma nova identidade, sobre a utilidade da forma de Arquitectura na sociedade de Informação, pressupõe o reconhecimento de todos os pressupostos que a contemporaneidade implica na concepção e utilização das formas. Estas, que estão dependentes da legitimação pelos meios de comunicação.

Assumir-se-á então que o pensamento globalizante pode ser capaz de sustentar de novo a utilidade da Arquitectura e das suas formas, perante as exigências da nova sociedade mundial de galopante homogeneização e uniformização.

A Arquitectura, na era da sua globalização, pode ainda ser a arte mais velha do Mundo e o passo mais imediato e importante ao culto da cultura, no testemunho da cristalização formal dos seus modos evidenciáveis de materialização, como o caso dos museus, que substituíram as catedrais, nas presenças emblemáticas das cidades e no repositório das peças de arte na inutilidade da Arte.

Quais são então os elementos descritivos e sintetizadores da situação de evidência da (in)utilidade da Arquitectura perante as Instituições e da capacidade de sobrevivência na sociedade de Informação. A seu modo, sustenta-se a validade desta pretensão, e



pretende-se uma capaz e cabal exposição do pretendido a partir na análise da contemporaneidade. Será uma construção necessariamente especulativa e inconclusiva, na corrente actual do tempo e dos acontecimentos, tal como a nossa vida indeterminista o é. A deslocação dos modelos que constituiram a referência da memória colectiva e a capacidade individual de reconhecer as nomeações e os signos, trazem grandes atribulações à sistematização de modos de construir arquitectura, uma vez que todas as linguagens podem ser possíveis desde que a tecnologia as legitime.

A análise contemporânea prende-se na importância que estes assumem na percepção e entendimento do nosso estranho Mundo da Sociedade da nossa certeza na Incerteza.